

FESTAS E CELEBRAÇÕES NA CAPOEIRA ANGOLA

Amélia Vitória de Souza Conrado
Professora Doutora da Faculdade de Educação da UFBA; Pesquisadora para o
Inventário da Capoeira-IPHAN. Angoleira-ECAIG

As referências que trago neste texto partem de experiências pelo trabalho realizado para o Inventário para o registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio imaterial do Brasil que possibilitou, visitar e entrevistar significativos mestres da capoeira baiana, também, da minha formação em Capoeira Angola através de uma tradicional escola na cidade de Salvador, estado da Bahia e de estudos e pesquisas no nível de doutorado para investigar o fenômeno das Danças Étnicas Afro-brasileiras, dentre elas, a Capoeira Angola.

Abordar as festas e celebrações na Capoeira Angola é fundamentalmente, evidenciar os seus rituais e a importância destes para a manutenção desta tradição, revelando aspectos do seu significado social, educativo e cultural.

Nessa direção, essas celebrações realizadas pelas escolas, grupos e academias vão desde a comemoração pela passagem de aniversário dos mestres responsáveis por essas instituições, onde se encontra neste segmento, os mais velhos em idade e formação, ressalto que esta característica se observa principalmente no contexto baiano. Além disso, rodas em memória daqueles que já partiram e deixaram um legado no meio social, outras realizadas em datas comemorativas e os eventos que são a síntese de todo o processo que se realiza na formação, na organização, nas aulas e nos princípios que se aprende, nesta ocasião, se evidencia o diálogo com outras linguagens, outras instituições que tem por objetivo a preservação da ancestralidade, da cultura, dos valores, da história, dos personagens da capoeira, da formação da

pessoa, e por isso é uma ação afirmativa importante como valor educativo e cultural da Bahia, extendendo-se para outros lugares em que, a tradição da Capoeira Angola está presente, como explica o Mestre Curió pela realização de seu trabalho.

[...] Tenho alunos em diversos países com grupos estruturados, onde anualmente viajo para dar uma assistência mais de perto. Todos os anos fazemos o Evento da Escola, que é um momento de encontro e de discussões com temas de interesse não só, para a capoeira angola, mas também, para a comunidade negra. Nesse Evento, oferecemos um grande Caruru para os presentes, homenageamos os alunos mais destacados, efetuamos a tradicional troca das carteiras e realizamos o ritual do apelido com os alunos mais novos. Este é o momento de reencontro com mestres de outras escolas, alunos de outros países, amigos e familiares, é o momento mais importante da Escola¹

Nas escolas e academias tradicionais, constata-se a presença marcante de uma identidade negra calcada nos valores das civilizações africanas transportadas para o Brasil; por isso, quando uma pessoa opta pela formação através da *Capoeira Angola*, por exemplo, está consciente de que vem buscar conteúdos que são mantidos como relíquias pelos mestres que cuidam da preservação de rituais, costumes e práticas.

Sem dúvida alguma, os angoleiros responsáveis pela formação das gerações atuais, mantêm os princípios apreendidos pela sua tradição, apesar de que, reclamam os mais velhos, de que algumas escolas não vêm transmitindo os elementos fundamentais presentes nos processos de ensino, como chama atenção o Mestre Curió, “[...] no meu espaço, na minha roda há uma diferença muito grande, do ritual, da musicalidade, das ladainhas, das chulas, dos sambas, que na realidade é uma coisa nossa, do negro, dos nossos antepassados e que hoje está no esquecimento”².

¹ Texto extraído da entrevista realizada por Amélia Conrado e Ricardo Biriba com Mestre Curió (Jaime Martins dos Santos) em outubro de 2006, para o Inventário e Registro da Capoeira pelo IPHAN, em Salvador-Bahia.

² ² Texto extraído da entrevista realizada por Amélia Conrado e Ricardo Biriba com Mestre Curió (Jaime Martins dos Santos) em outubro de 2006, para o Inventário e Registro da Capoeira pelo IPHAN, em Salvador-Bahia.

De forma aprofundada, Siqueira (1998), em seus estudos sobre o Candomblé enquanto um espaço de liberdade, identidade e cidadania, aborda a importância dos rituais que fazem parte do cotidiano da cidade de Salvador, além das festas e lavagens, onde faço uma correlação com o ritual da *Capoeira Angola*, no aspecto fundamental cuja “dimensão cultural em sentido profundo representa um âmago sobre o qual se constroem processos de formação de pessoas e novas formas de organização social, e novos modos de saber e de viver em sociedade”(SIQUEIRA, 1998, p. 415). Desse modo, esses vínculos de identidade se constroem a partir de especificidades traduzidas de forma consciente ou inconsciente, política e ideológica, de uma luta de resistência e recriações que se dá na prática dos sujeitos sociais para se fazerem vivas e presentes no meio social.

Sendo assim, afirmo que a Angola transmite e mantém, aspectos significativos de uma ritualidade e ancestralidade calcadas na religiosidade afro-brasileira, que é o fio condutor da sua base filosófica e prática.

Evidente que no percurso histórico, as formas de celebrações e festas acompanham a dinâmica e o contexto da época, seus ritos permanecem, todavia, incorporando alguns elementos para estabelecer maior diálogo, num momento em que, as novas tecnologias da informação, os valores da moderna sociedade oferecem outros códigos de referência.

Sobre os locais em que predominava os rituais da Capoeira Angola, o Mestre João Pequeno de Pastinha, relata:

[...] As rodas aconteciam nas praias, nos quintais, nos terreiros, nas praças, nas festas, não tinham academias. Antigamente, não tinha capoeira em espaço, era na rua, tinha Valdemar na Liberdade, tinha Cobrinha Verde no Chame-Chame, e em Salvador, quem me levava para rodas e com quem comecei era Barbosa e nisso, foi quando encontrei seu Pastinha, eu estava numa roda de capoeira, ele chegou e

jogou e na saída, disse: “eu quero organizar isso e quem quiser, apareça lá no Bigode”, eu aí, acompanhei ele e não deixei mais³.

Historicamente, a presença das danças africanas no território brasileiro acontece através de africanos das diferentes regiões do seu continente, vindos para cá pela transposição devido à colonização das Américas. Todavia, são quase inexistentes estudos que dêem importância e conta do seu vasto conteúdo. Arthur Ramos, psiquiatra e antropólogo, um alagoano que se formou na Bahia e muito contribuiu com estudos sobre religiões e culturas afro-brasileiras, abordara no livro, *O folclore negro do Brasil*, (1954), “a sobrevivência da dança e da música”, discorrendo sobre “as danças africanas no Brasil” e “classificação das danças afro-brasileiras”.

Com base nas constatações de Arthur Ramos, sensível à leitura de fenômenos e manifestações deste universo cultural, ressalto que aí está a base filosófica das danças de povos africanos, que é a tradução de sua vida, da sua espiritualidade e sua maneira de comunicar, o que continuam mostrando através da linguagem corporal, das suas práticas, jogos, passos, movimentos, aspectos da vida, da ancestralidade, do cotidiano, de costumes, de sentimentos profundos da história de povo, de liberdade, de formas de poder, e a orientação pelos mitos, ritos, divindades, heróis, líderes vão dando sentido, inspiração e orientação para as criações, recriações e (re)significados.

Nessa perspectiva, entende-se porque esses estudiosos definiram as danças africanas como “cerimônias mágico-religiosas”, “danças imitativas”, e afirmam, categoricamente, que africanos no Brasil trouxeram essas instituições.

³ Texto extraído da entrevista com o Mestre João Pequeno de Pastinha (João Pereira dos Santos) em 13/02/2007 na sede de sua Escola no Forte de Santo Antônio Além do Carmo em Salvador-BA, realizada por Amélia Conrado e Ricardo Biriba, para o Inventário e Registro da Capoeira pelo IPHAN.

Pela privação em celebrar costumes e tradições, esses povos foram obrigados a disfarçá-las, junto a elementos da cultura branco-européia. O processo de escamoteação e adaptação forçada das práticas africanas às manifestações de culturas adversas levou a uma difícil discriminação para o cientista que não as conhece, no interior da elaboração e prática, sendo difícil classificar, e ainda continua, encontrar definições que expliquem as bases, a ligação dessas danças com sua matriz original. Mas, os continuadores desse conhecimento guardam explicações das origens, daqueles que sucederam e repassam para seu grupo social.

Com base nas palavras de Jose Valdo Rodrigues da Silva, o Mestre Zé Pretinho da Associação Euxadae no município de Alagoinhas, quanto as particularidades existentes no interior da prática desta que, “[...] como na Capoeira Angola existem rituais que não podem ser feitos em qualquer lugar, são em dias de comemoração que as rodas, podem ser feitas em praças, ruas e palcos, contudo, não havendo comemorações, estas são feitas nas academias de capoeira”⁴

Outro documento sobre danças e costumes africanos no Brasil é apontado por Tinhorão (2000), *As festas no Brasil colonial*, dizendo que a primeira imagem de ritual negro-africano prescrito ao vivo no Brasil foi feita por Zacharias Wagener, soldado alemão da Companhia das Índias Ocidentais, que chegou ao Recife, em 1636, retornando a Europa, em 1641. Escreveu o *Zoobiblion: livro dos animais do Brasil*⁵, que possui desenhos aquarelados e legendados, em que um dos títulos, *Negertanz*, Dança

⁴ Texto extraído da entrevista com o Mestre Zé Pretinho, José Valdo Rodrigues, por Ricardo Biriba e Amélia Conrado, na cidade de Salvador-BA em 28/11/2006, para o Inventário e Registro da Capoeira pelo IPHAN.

⁵ Sobre a referência desta obra, *Zoobiblion: livro dos animais do Brasil*, São Paulo, Brasiliensis Documenta, IV, 1964. Identificando que foi editado na iniciativa de Edgard de Cerqueira Falcão.

de negros, na verdade, é a primeira ilustração das cerimônias religiosas africanas no Brasil⁶.

Melo Moraes Filho (1844-1919), autor baiano, soma-se a uma geração de estudiosos que se dedicou a uma antropologia, sociologia e etnologia negra brasileira. Dentre suas obras, *Festas e Tradições populares do Brasil*, (1979), traz descrições sobre: “Carnaval”, “Cucumbis”, “Festa da Moagem”, “Coroação de Rei Negro em 1748”, “Tipos de Rua”, “Navio Negreiro”, entre outros temas abordados.

A capoeira no Brasil foi reconhecida socialmente como uma atividade positiva para o desenvolvimento da pessoa, da educação e cultura, somente no século XX, os estudos trazendo nova visão passaram a ser produzidos, desvendando suas contribuições.

Antigos capoeiristas e seus sucessores viveram num mundo de perseguições, de incertezas, de perigo, e mesmo assim, não abriram mão de suas crenças, da sua fé, de suas certezas, dentre elas, a capoeira, arma poderosa de defesa e ataque e se hoje está expandida no mundo é resultado de suas lutas e resistências, e isso não deve ser esquecido pelas próximas e futuras gerações.

Autores contemporâneos vêm se dedicando a desvendar essa história, dentre nomes cito, o baiano Josivaldo Oliveira (2005), historiador, angoleiro que diz, “[...] a sociedade baiana deve aos desordeiros e vagabundos, os capadócios das ruas, a preparação de um terreno fértil sobre o qual se assentou a tradição da capoeira baiana”; (OLIVEIRA, 2005, p. 133), que é um dos símbolos de significativa expressividade da presença africana reelaborada na Bahia.

Ele destaca a importância dos africanistas da primeira metade do século XX, Manoel Querino de Deus, que em *A Bahia de Outrora* (1916), relatando o folclore

⁶ Esta referência encontra-se em Tinhorão, (2000, p. 56-57).

negro, destaca, *A capoeira* e Edison Carneiro em *Negros Bantos* (1937), evidenciou *Capoeira de Angola*, essas obras inauguram os estudos sobre capoeira na Bahia.

O historiador baiano Frede Abreu⁷ que é perito em documentação sobre capoeira, revela em sua obra *O Barracão do mestre Waldemar*, (2003) e o que se dava no entorno.

O mestre Waldemar, cujo nome de batismo, Waldemar Rodrigues da Paixão, ergueu no bairro popular da Liberdade, seu barracão que trazia alegria, diversão pelas rodas que promovia, onde os habilidosos mestres de capoeira da Bahia se encontravam para *vadiar*, o que deu fama e prestígio ao local, como diz Frede:

[...] para os moradores do local, freqüentar o Barracão de Waldemar se constituía num momento especial, e significava um corte no cotidiano da semana. Para isto, se enfeitavam, ornamentavam-se, embelezavam o visual, evidência exposta ao público (formado por homens, mulheres, adultos e crianças) que assistia aos domingos à roda de Waldemar[...] Durante as décadas de 40, 50 e 60 do século anterior, no domingo, o mais alegre dos dias, um rito profano se tornou vício sagrado para muitos capoeiristas baianos: vadiar na Liberdade, no Barracão, no terreiro, na roda de Waldemar. (ABREU, 2003, p.33-34)

Esse mestre está na memória da Capoeira Angola na Bahia, ele viveu 74 anos (1916-1990), interessou-se pela capoeira aos 20 anos de idade, que do aprendizado, passa posteriormente a ensiná-la. Mestre Waldemar aperfeiçoou a fabricação de berimbaus e fazia comércio, sendo responsável por criar a pintura do instrumento, o que deu certo e ficou na cultura da confecção dos mesmos.

A roda de capoeira, onde quer que aconteça, continua atraindo rapidamente, aqueles que passam e param para observar, se divertir, ficar em suspense, devido àquele jogo de corpo entre duas pessoas. Percebido pelos praticantes, esse poder que possui, a sua roda e seu jogo, se desdobraram e serviram para diversos fins.

Conforme Virgílio Maxiliano Ferreira, o Mestre Virgílio que é uma resistência da

Capoeira Angola na Fazenda Grande do Retiro expressa o significado da roda em épocas passadas.

Naquele tempo não havia treinos, apenas rodas aos domingos. Havia um galpão de palha, tipo um quiosque, onde aconteciam as rodas. Aprendi com o Mestre Remoso cujo nome é Aloísio Maxiliano Ferreira. Sempre que treinava, voltava com um toque no pensamento e fiz um berimbau por divertimento que a cabaça era de lata. Após o falecimento de meu pai, eram feitas rodas em um terreno baldio e ficou famosíssimo e lá iam vários mestres⁸

O tempo vai passando, os espaços da prática da Capoeira Angola se adaptando, seus rituais penetrando nos novos ambientes, como por exemplo, a rampa do Mercado Modelo era lugar onde nas horas livres, os capoeiras realizavam o jogo, que atraía a atenção das pessoas que passavam naquele lugar; nos dias de hoje, encontra-se neste Mercado, um palco para apresentações, também, pequenas lojas que vendem berimbaus, camisas e calças de capoeira, atabaques, caxixis e uma variedade de artigos voltados à cultura afro e popular da Bahia; é no Pelourinho e Cidade Baixa que detém maior número de vendas de artigos de capoeira.

Já na cidade alta, no Terreiro de Jesus, antigo pátio da Faculdade de Medicina da UFBA, capoeiristas no dia-a-dia expõem para vendas e trocas, seus artefatos, que neste contexto tocam berimbaus, dão informações a pessoas interessadas, fazem contatos, rodas e jogo.

O que é produzido pelos capoeiristas é distribuído entre seus espaços para ser comercializado, a exemplo de cds, dvs, livros, revistas, camisas personalizadas, entre outros, aí também são trocadas informações e divulgação de eventos comemorativos, festejos do cotidiano da capoeira.

⁷ Frede Abreu é baiano, historiador, estudioso de Capoeira desde 1976, autor de livros, artigos e colaborador em estudos e pesquisas realizadas por escritores, acadêmicos em que se disponibiliza tanto ao diálogo, quanto ao acesso ao seu rico acervo bibliográfico, documental sobre Capoeira.

As escolas de capoeira são visitadas por pessoas que vêm conhecer os mestres e sua arte, porque alguns são referências no cenário local, nacional e mundial, a exemplo dos angoleiros Curió, João Pequeno, Boca Rica, Pelé da Bomba, Lua de Bobó, Pelé do Tonel, Virgílio, Lua Rasta, Augusto Demolidor, Moraes entre outros. Os regionais Bamba, Cafuné, Nenel, Itapoan, e outros. Alguns destes com suas escolas no Pelourinho.

Dentre os mestres que são referência da capoeira de rua, do Mercado Modelo, está Mestre Gajé, ele continua fazendo música, vendendo mercadorias e movimentando essas ruas e ladeiras do centro histórico.

Relembro uma visita de confraternização num dia de sábado em janeiro de 2006, proporcionada pelo Mestre Curió, porque, quem pensar que o evento tradicional da sua escola (ECAIG) termina no sábado festivo engana-se. No domingo subsequente, é feito um encontro para a roda no bairro onde ele reside, na rua atrás da sua casa, que após, bate-se um *baba*; no linguajar baiano, jogo de futebol; e encerram-se as brincadeiras com um almoço oferecido para todos os participantes.

Para esta ocasião, arrecada-se algum dinheiro para as despesas, porque são convidados mestres para tocar, cantar, jogar, levar seus alunos e juntos aos da ECAIG e familiares, se confraternizarem.

No ano de 2006, Mestre Lua de Bobó trouxe seu pessoal, todos vestidos no padrão da escola; camisas azul-celeste, calça branca, sapato fechado, dentre seus alunos: norte-americanos, franceses, argentinos, paulistas e os de Areembepe, município em que situa sua escola. Para muitos, ir até o subúrbio de Castelo Branco é uma aventura.

⁸ Texto extraído da entrevista com Virgílio Marxiliano Ferreira, o Mestre Virgílio em 01/02/2007 por Ricardo Biriba e Amélia Conrado na cidade de Salvador-BA para o Inventário e registro da capoeira pelo IPHAN.

O que percebo na iniciativa de Mestre Curió e Mestre Lua de Bobó, é que, independente das dificuldades existentes para a produção destes encontros, está o valor da aproximação de dois grupos, duas escolas, que mesmo trabalhando em diferentes cidades, de linhagens de conhecimento vindas, uma de Mestre Bobó e a outra, de Mestre Pastinha, o que proporcionam é a união, a confirmação dos princípios e propósitos pelo que é revelado na postura dos alunos e mestres, no respeito às regras de um código de ética firmado nas gerações passadas e mantidas pelas atuais e um aspecto fundamental, uma escola de prazer, de alegria e conhecimentos compartilhados.

No interior desses eventos está a importância da existência da *Capoeira Angola*, para sua dinâmica, continuidade e visibilidade. É um encontro esperado tanto pelos que produzem, como pelos que anualmente visitam. No plano político é a afirmação de uma capoeira de resistência, de descendentes afro-brasileiros em predominância, daquela que está embrenhada nas periferias, que reclama a atenção para uma arte e cultura que oferece benefícios à sociedade, ao nome de um lugar e suas tradições, ao turismo, entre outras coisas.

Daquela que conta à história de seus antecessores que criaram e desenvolveram esta arte, desta que entende por formação, algo de responsabilidade, onde o tempo, o exercício prático e a experiência são fundamentais para o domínio do conhecimento.

No plano educativo, leva ao público participante, grupos de capoeira, capoeiristas oriundos do exterior, de outros estados, familiares, professores, estudantes, uma mostra de determinado tipo de linguagem, comportamento, valor, respeito entre pessoas do grupo e de outros grupos ali presentes, na medida em que, independente de sexo, idade, tempo de capoeira, exibem o nível do seu aprendizado e

a segurança, vêm da liderança e ética que mestre Curió ensina e exerce, afirmando que “ali quer vê capoeira e não violência” e caso alguém exceda ou coloque em risco a integridade do outro, ele pára a roda e avisa aos jogadores que prossigam dentro das normas ou se retirem.

No plano social, o aluno mostra o seu valor, interage com diferentes pessoas, com personalidades do mundo da capoeira, atua para este acontecimento, dada às atribuições que lhes são conferidas, e isso ajuda no fortalecimento de sua auto-estima e legitimação da cultura de extratos populacionais marginalizados.

Nessa direção, o aprendizado da *Capoeira Angola* requer atenção a todas as informações percebidas, muitas vezes, pela observação aos mais velhos, também no tempo para se atingir amadurecimento dos diversos elementos que compõem a metodologia, em que, história, filosofia, expressão corporal, música, movimento, jogo, tática são apreendidos concomitantemente.

Assim como estas escolas, outras desenvolvem significativo trabalho com a *Capoeira Angola*, cito, as escolas fundadas e de responsabilidade de mestres como, o *Centro Esportivo de Capoeira Angola João Pequeno de Pastinha (CECA)* do Mestre João Pequeno, situado no Forte de Santo Antônio Além do Carmo; o *Grupo de Capoeira Angola Pelourinho(GECAP)* do Mestre Moraes Trindade, também no Forte de Santo Antônio; a *Associação de Capoeira Angola 1º de Maio* de Mestre Virgílio no bairro Fazenda Grande do Retiro; a *Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA)* de Mestre Cobrinha e Mestre Valmir, entre outras, que seguem passos deixados por gerações anteriores de outros angoleiros.

As escolas citadas e outras que continuam as tradições dessa capoeira realizam seus eventos comemorativos e vêm abrindo debates, diálogos, produzindo materiais didáticos, discos, revistas, entre outros. Tais ocasiões são motivos para se

confraternizarem e geralmente, oferecerem uma feijoada, um caruru, uma dobradinha, um xinxin de galinha, entre outras iguarias da culinária tradicional baiana, o que não pode faltar.

REFERÊNCIAS

A Cartilha do Mestre Virgílio. Associação de Capoeira Angola 1º de Maio. Salvador: Edição independente, 2004.

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola:** cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Campinas, SP: UNICAMP/CMU; Salvador; EDUFBA, 2005.

ABREU, Frede. **O Barracão do Mestre Waldemar.** Salvador : Zarabatana Design Gráfico e Produções Ltda, 2003.

BOAVENTURA, Edivaldo M./ SILVA, Ana Célia da. **“O Terreiro, a quadra e a roda”:** formas alternativas de educação da criança negra em salvador. Salvador: Programa de Pesquisa e Pós-graduação em educação da UFBA. 220 p.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. **Capoeira de Angola e Dança Afro : contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2006. 350 f.il.

LIMA, Evani Tavares. **Capoeira Angola como treinamento para o ator.** 2002. 270f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-graduação da UFBA, Salvador.

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil.** Tipos de Rua. 3ª edição, Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, Editores, 1946.

NORONHA, Daniel. **O ABC da Capoeira Angola:** os manuscritos do Mestre Noronha. Brasília: DEFER, Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira (CIDOCA/DF), 1993. 128 p.il.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **No tempo dos valentes:** os capoeiras na cidade da Bahia. Salvador: Quarteto, 2005. 153 p.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola.** 1ª ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1964.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola:** ensaio sócio-etnográfico. Salvador. Ed. Itapuã – Coleção Baiana, 1968.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Agô Agô Lonan** . Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998. 472 p

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000. 176 p.